

Vida cotidiana e a produção do conhecimento: o combate teórico contra o modo de conhecimento fetichizado

Patricia Laura Torriglia (UFSC/CED/PPGE/GEPOC)¹
Juliana Aparecida Cruz Martins (UFSC/PPGSS/GEPOC/NEPTQSAL)²

Resumo: O contexto atual da classe trabalhadora denota a urgência de uma compreensão analítica que evidencie de forma crítica e possível de desnudar as artimanhas que eliminam a cada dia os direitos dos trabalhadores. Aprofundar em Marx e Lukács os aspectos que permeiam as relações sociais contraditórias entre a classe trabalhadora e a classe capitalista é cada vez mais necessário. O presente trabalho apresenta uma análise teórica referente a duas pesquisas de pós-doutorado, vinculadas à linha de investigação trabalho e educação e a linha questão social, trabalho e emancipação humana. Tem como principal objetivo esboçar uma compreensão relacionadas à manipulação, ao neopositivismo e à produção do conhecimento na obra tardia do filósofo György Lukács. O texto está dividido em dois momentos: primeiramente apresentamos alguns apontamentos realizados por Lukács com relação a interferência do neopositivismo na produção do conhecimento enquanto um elemento de manipulação. Posteriormente, expomos algumas considerações sobre a vida cotidiana, a produção do conhecimento e suas interferências nos processos de formação, principalmente a partir da compreensão de G. Lukács (1966, 2010, 2013).

Palavras-chave: manipulação; produção de conhecimento; vida cotidiana

Everyday life and the production of knowledge: theoretical combat against the mode of fetish knowledge

Abstract: The current context of the working class denotes the urgency of an analytical understanding that shows in a critical and possible way to undress the tricks that eliminate every day workers' rights. To deepen in Marx and Lukacs the aspects that permeate the contradictory social relations between the working class and the capitalist class is increasingly necessary. The present study presents a theoretical analysis of the two surveys of postdoctoral studies, linked to the line of research work and education and the social issue, work and human emancipation. Has as main objective to outline an understanding related to manipulation, to neopositivism and the production of knowledge in the late work of the philosopher György Lukács. The text is divided into two moments: first we present some notes made by Lukács with respect to interference of neopositivismo the production of knowledge as an element of manipulation. Subsequently, we expose some considerations about everyday life, knowledge

¹ Possui graduação em Ciências de La Educación - Universidad Nacional de Córdoba, Argentina (1992), Mestrado em Educação (1999) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Atualmente é professora Associada no Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED) do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica. GEPOC/PPGE/UFSC.

² Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2016), com bolsa PNPd/Capes. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho, Questão Social e América Latina. GEPOC/NEPTQSAL/UFSC. Doutora (2016) e Mestre (2011) em Educação no Programa de Pós Graduação UFSC. Graduada em História Bacharel e Licenciatura UnC (2006).

production and its interference in the processes of formation, especially from the understanding of G. Lukács (1966, 2010, 2013).

Keyword: Manipulation; Production of knowledge; Everyday life

1 INTRODUÇÃO

Já explicitamos em outros contextos que consideramos uma tarefa de suma relevância para a pesquisa em educação fazer um esforço deliberado de presentificar o pensamento lukácsiano e, por extensão, da tradição marxista, sobretudo no que tange a defesa da existência de uma ontologia marxiana. Consideramos que recuperar a obra de Lukács³ nos permite retomar a obra de Marx naquilo, talvez, que ela tenha de mais notável: sua persistente capacidade de explicar o presente, sendo um instrumento indispensável para entendê-lo e transformá-lo. Como nos assegura Lukács (1966, p. 17):

A verdade profunda do marxismo, que nem os ataques nem o silêncio podem aquebrantar, consiste entre outras coisas, que com sua ajuda podem manifestar-se os fatos básicos, antes ocultos da realidade da vida humana, e fazer-se conteúdo da consciência dos homens.

O movimento do capital e nele o complexo educacional como um dos complexos parciais da totalidade, demanda conhecimentos que os sujeitos trabalhadores têm que se apropriar para reproduzir a força de trabalho. Não é novidade que esta reprodução está limitada a sua mera singularidade, cerceando seu devir individualidade, como explica Martins (2014) ao se referir ao trabalhador, ao ser jovem trabalhador,

Um ser jovem vivendo num mundo de inquietação, com motivos escusos, emaranhados por uma configuração social, baseada na relação da exploração da força de trabalho para alcançar seus lucros. Uma geração que vive na busca de constituir uma harmonia entre o ser e o ter. Que rouba o tempo livre de compartilhar momentos de inquietações e limitações, para não deixar processar aquele germe que

³ G. Lukács: Nascido em 13 de abril de 1885 em Budapeste, Hungria, György Lukács é um dos mais influentes filósofos marxistas do século XX. Doutorou-se em Ciências Jurídicas e depois em Filosofia pela Universidade de Budapeste. No final de 1918, influenciado por Béla Kun, aderiu ao Partido Comunista e no ano seguinte foi designado Vice-Comissário do Povo para a Cultura e a Educação. Em 1930 mudou-se para Moscou, onde desenvolveu intensa atividade intelectual. O ano de 1945 foi marcado pelo retomo à Hungria, quando assumiu a cátedra de Estética e Filosofia da Cultura na Universidade de Budapeste. *Estética*, considerada sua obra mais completa, foi publicada em 1963 pela editora Luchterhand. Já seus estudos sobre a noção de ontologia em Marx, que resultariam oito anos depois na *Ontologia do ser social*, iniciaram-se em 1960. Faleceu em sua cidade natal, em 4 de junho de 1971. (Sínteses sobre Lukács retirado do livro Prolegômenos. Para uma Ontologia do Ser social. Editora Boitempo).

gera a felicidade e esperanças de dias melhores (MARTINS, 2014, p. 8).

Embora a autora esteja se referindo aos jovens, esta é em geral a situação de todos os trabalhadores – classe trabalhadora – onde a marcada intensificação da exploração do trabalho – imbuída na subsunção do trabalho ao capital – e acrescente manipulação, entre outros aspectos explicativos, marcam cada vez mais a tendência posta pelo capital orientada a desumanização e retirada dos aspectos mais genéricos do ser.

Os elementos de manipulação só são possíveis de serem desvendados por meio do conhecimento científico que assume compromisso político com posicionamento favorável à tomada revolucionária da sociedade capitalista. Assim, para compreender este fenômeno e contrapor fortemente esta tendência, a partir do complexo educacional, tornou-se e torna-se necessário apreender a constituição da vida humana a partir da concepção de vida cotidiana ancorada por Lukács já que nela está implícito a complexificação do processo histórico: *início e final de toda a atividade humana*, como aponta Lukács. Destarte, a vida cotidiana é uma importante dimensão de análise que favorece a compreensão do movimento dos diferentes conhecimentos que nela se expressam, e que podem vir a aperfeiçoar o dia a dia dos sujeitos históricos e concretos. Consideramos que este é o campo de possibilidades que os pores teleológicos proporcionam a partir da atividade vital (o trabalho) como fundamento, entendendo que a partir dessa atividade fundante se desprendem outras categorias que, na ininterrupta complexificação das relações e mediações, geram outros desdobramentos e outras atividades que emergem no processo da história.

Neste artigo realizamos um recorte apresentando algumas reflexões de dois estudos: um acerca da manipulação, onipotência abstrata e impotência concreta na sociabilidade do capital e outro sobre a vida cotidiana e a produção do conhecimento, ambas investigações fundamentadas principalmente a partir da compreensão de G. Lukács (1966, 2010, 2013).

2 NEOPOSITIVISMO, MANIPULAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Lukács inicia a escrita de sua ontologia apresentando um profícuo debate contrapondo a concepção de mundo decorrida da perspectiva científica do neopositivismo. Tal concepção demanda um rebaixamento da compreensão da práxis,

realidade histórico-social dos homens, a uma mera manipulação de dados empíricos. E Lukács (2012, p. 42) afirma com preocupação que, quando o conhecimento da realidade se encontra em voga no pensamento corrente, temos que

a substituição do conhecimento da realidade por uma manipulação dos objetos indispensáveis à prática imediata ultrapassa nesse ponto o neokantismo, embora seja certo que o pensamento de alguns neokantianos isolados – basta citar aqui Vaihinger – move-se espontaneamente nessa direção. Igualmente evidentes são as convergências gnosiológicas entre Bergson, que aspira a uma nova metafísica, e o pragmatismo, entre a gnosiologia de Nietzsche e o positivismo de seu tempo. Nesse caso pode-se falar tranquilamente, sem levar em conta as várias nuances que com frequência provocam acirradas controvérsias, de uma tendência geral da época, que em última análise pretende a eliminação definitiva de todos os critérios objetivos de verdade, procurando substituí-los por procedimentos que possibilitem uma manipulação ilimitada, corretamente operativa, dos fatos importantes na prática.

Essa compreensão a propósito da concepção da realidade dos homens, de acordo com Lukács (2013, p. 785), que influenciou inclusive muitos marxistas, “trata-se da manipulação brutal do período stalinista e das tentativas atuais, muitas vezes ainda problemáticas, de superá-la”. Por conseguinte, a que considerar que, com toda essa problemática, o autor saliente que o marxismo, mesmo sofrendo alguns percalços no caminho que alteraram seu conteúdo e forma, permanece sendo até o momento em sua essência a única tendência que preza pela construção de uma sociedade socialista progressista.

Salientamos aqui a problemática e as consequências do neopositivismo em que se insere na impossibilidade de entender a práxis em sentido objetivo e subjetivo. Compreender o ser social nas dimensões objetiva e subjetiva é uma inter-relação constante e contínua, não se pode construir concepções de mundo que prezem somente pelas questões objetivas ou por questões subjetivistas, como se fossem separadas entre si, ambas as dimensões objetivas e subjetivas se complementam.

A subjetividade propriamente dita depende da atividade humana e esta depende daquela. Cada uma delas só é mediante a outra. Ou seja, efetivamente postas/presentificadas ou em ato, são dimensões que, para serem realmente, o são no interior do complexo relacional objetividade/subjetividade (humanas ou sociais). [...] autonomizar a subjetividade [...] é transformá-la em “substância mística”, prebenda divina ou idealidade natural (VAISMAN, ALVES, 2009, p. 22/23).

Os neopositivistas abandonam o pensamento que prioriza qualquer relação com a coisa-em-si, o complexo relacional objetividade/subjetividade. A coisa-em-si é apenas uma manipulação logicista. O problema é que a realidade histórico-social continua existindo, porém o pensamento neopositivista nega essa realidade. Lukács (2012) diz que a função desse pensamento é muito clara, refere-se à manipulação da concepção de mundo em todos os âmbitos.

Quanto trata do pensamento existencialista e sua compreensão sobre o real, Lukács esclarece que Heidegger descreve a vida cotidiana como uma vida alienada. Nesse pensamento, só havia uma saída para o indivíduo e somente em sentido negativo, a escolha do ser para a morte como ser autêntico. A vida cotidiana é manipulada e não tem como superá-la, é o tédio, é o caos, suas relações objetivas e subjetivas manipulam-se reciprocamente. “Toda a realidade da vida cotidiana é apagada mediante abstração” e não figura do próprio trabalho (LUKÁCS, 2013, p. 88).

Heidegger [...] encara a mesma realidade social da vida estranhada como “*condition humaine*” absoluta e imutavelmente dada, mas examina essa condição ontologicamente imutável com um olhar pessimista irracionalista e tenta pôr ontologicamente à mostra a perspectiva de uma saída religiosa (religiosa ateuista) para cada indivíduo, uma saída que deixe os fundamentos intactos (LUKÁCS, 2012, p. 84).

Outro pensador estudado por Lukács (2012, p. 79) é Wittgenstein, referido pensador fundamenta-se no neopositivismo e se mantém nesta direção: no pensamento que não adquire entusiasmo de saída da manipulação geral da vida pelo capitalismo “mas que é **capaz** de contrapor-lhe apenas um protesto antecipadamente impotente – o silenciar de Wittgenstein” (grifos meus). Esse silenciar como protesto não considera o tempo histórico, apenas o ser aí, no mundo que leva a culpa de todos os males que o cerca.

Sobre a relação e diferenciação entre o pensamento de Heidegger e Wittgenstein, Lukács (2012, p. 90) escreve que “Wittgenstein e Heidegger rejeitam em uníssono, quase com as mesmas palavras, toda consideração do quê dos objetos, atrás do qual sempre estão ocultos motivos ontológicos, e se atêm ao conhecimento do como, afirmado como o único possível”. Ambos se vinculam à perspectiva para além do

tempo, de uma concepção de mundo sem história com caráter de uma manipulação infinita.

A exclusão consequente de toda gênese histórico-social no caso de fenômenos eminentemente sociais, o que necessariamente eleva ao plano atemporal suas características condicionadas pelo tempo, é apenas uma consequência metodológica do modo fundamental de ver as coisas, da exclusão por princípio de todo e qualquer ente-em-si do âmbito das duas filosofias (LUKÁCS, 2012, p. 90).

Acerca deste problema que afeta os sujeitos, da manipulação infinita que subtrai o fator histórico da vida, temos na contemporaneidade, como explica Kehl (2015, p. 61-62), uma transformação nas formas e conteúdo do pensamento que contribui para compreender este mundo em que o sujeito está habitando. De um lado, as tradições já não são referência para direcionar os destinos das futuras gerações; de outro, a verdade deixa de ser provinda de concepções místicas e abstratas (divina), porém se multiplica em versões parciais e saberes especializados. “Nesse sentido, a liberdade e a autonomia individuais conquistadas na modernidade cobram do sujeito o preço de (mais) alienação”. O sujeito neste caso fica apenas no campo das ilusões como se fosse o momento ideal; no entanto, essa condição não possibilita ao sujeito fazer as leituras e escolhas coerentes conforme a realidade objetiva.

São razões muito distintas que levam os homens que vivem em nosso tempo a rejeitar a questão da realidade no pensamento e na vida. Tais razões residem em parte numa satisfação com o caráter manipulado de todas as manifestações da vida, em parte numa recusa a essa manipulação; contudo, uma recusa que, no íntimo, está profundamente convicta da inutilidade de libertar-se do estranhamento e que, por isso, busca e encontra justamente nessa falta de perspectiva da própria sublevação uma autoafirmação interior (LUKÁCS, 2012, p.100).

Somente um agir que não se satisfaz com o caráter manipulado das manifestações da vida, ou uma leitura coerente do mundo – conhecimento que não se estabiliza no mero *em-si* da coisa – possibilita conceber uma relação concisa com o Outro. Estar no mundo não significa não estar ativo no mundo, estar no mundo é uma relação histórica. O pensamento sobre o ser em-si modifica-se e pode contribuir para atender a um tipo de racionalidade condizente com as características dessa sociabilidade do capital ou modificá-la de forma radical. “O neopositivismo em parte sobrevaloriza e em parte deforma a participação do sujeito cognoscente na elaboração do espelhamento correto” (LUKÁCS, 2012, p. 60). O que temos hoje é cada vez mais um sujeito passivo,

com graus altos de estranhamento e as artimanhas da manipulação pautadas em fios invisíveis de compreensão que não provocam rupturas significativas para além das regras técnicas operativas manipulatórias.

Quando a causalidade ontológica é substituída por manipulação com dependência funcional, quando o paralelismo psicofísico é transformado em fundamento da manipulação de um grande complexo objetual, patenteia-se como o neopositivismo contorna com indiferença todas as autênticas questões do conhecimento para, assim, tornar plausível a manipulação prática imediata dos problemas. [...] Pois é um traço básico da manipulação como método universal do neopositivismo eliminar por inteiro justamente essas questões da ciência – sob o título de “metafísica” –, para que assim nenhuma reflexão sobre problemas da realidade perturbe ou mesmo impeça o funcionamento ilimitado do aparato manipulatório (LUKÁCS, 2012, p. 61/66).

A vida cotidiana de todo ser humano encontra-se atrelada a um grande conjunto de elementos de manipulação que cada vez mais propiciam o estranhamento do que a autonomia e a liberdade consciente. Atualmente, a vida diária do ser humano encontra-se sob os seguintes aspectos: (1) Nefasta/vida pacata; (2) Totalmente manipulada/pessimismo torna-se central; (3) Ato político fica inerte, pois o ato da manipulação já está dado. Esses aspectos configuram-se em um complexo ideológico que afeta o pensamento sobre a realidade histórico-social.

A complexidade ideológica predominante adapta de forma profunda os sujeitos ao pensamento coerente com as relações capitalistas de vida. Mesmo que o Estado afirme-se neutro, apresenta-se como expropriador dos direitos dos trabalhadores e a favor do conhecimento que conflua com os interesses da ideologia burguesa. O que temos é uma deseducação generalizada incapaz de enxergar o ser em seu contexto social e histórico.

De acordo com Lukács (2010, p. 41),

[...] só da correta colaboração de experiência cotidiana prática e conquista científica da realidade pode ocorrer uma aproximação legítima da verdadeira constituição do ser, mas que os dois componentes também podem assumir funções que inibam o progresso, sem falar dos elementos puramente ideológicos, que podem se tornar estímulo ou obstáculo para essa colaboração, segundo os interesses das classes sociais.

Lukács compreende a realidade como possibilidade de ser transformada e não somente campo de manipulações, para tanto trata de questões práticas e teóricas com a perspectiva de reformular as possibilidades revolucionárias e resposta às provocações exaladas pelo stalinismo. Em sua ontologia, Lukács se opõe ao predomínio da manipulação reduzida à ciência sob o capital, recupera o problema essencial do ser e do destino do homem. A perspectiva teórica que se preze coerente necessita enriquecer a análise reflexiva sobre a vida que construa tendências que possibilitem desvelar as farsas e hipocrisias. Quando o autor refere-se a Marx diz que

Marx se distingue, em relação aos seus mais significativos precursores, sobretudo pelo senso da realidade, tornado consciente e intensificado pelo conhecimento filosófico tanto na compreensão da totalidade dinâmica quanto na justa avaliação do quê e do como de cada categoria singular. Mas seu senso da realidade vai além dos limites da pura economia. Por mais audaciosas que sejam as abstrações que ele desenvolve nesse campo, com coerência lógica, permanece sempre presente e ativa, nos problemas teóricos abstratos, a vivificante interação entre economia propriamente dita e realidade extraeconômica no quadro da totalidade do ser social, o que esclarece questões teóricas que, de outro modo, permaneceriam insolúveis (LUKÁCS, 2012 p. 309).

Exclusivamente com conhecimento que preze pela fundamentação histórica é possível obter ferramentas teóricas para eliminar ações conservadoras. O sujeito possui uma consciência que corresponde à complexificação do cérebro, estaremos tratando no próximo item sobre essa temática. Como o sujeito pode se apropriar do mais adequado funcionamento dos nexos? Uma das possibilidades é o processo de elaboração na busca dos elementos mais adequados a respeito do que está acontecendo. O conhecimento *post festum* é um dos métodos que pode contribuir com a análise histórica da humanidade e se opor com o *slogan* atual em que tem como mote: “matar a história para que não se ative a memória social” e, consecutivamente, a consciência social e coletiva de transformar a sociedade do capital.

Salienta Coutinho (1969, p. 17) que o ser humano encontra-se inerte em fetiches imutáveis, em que “a manipulação que transforma os homens em coisas é convertida em destino inexorável e fatal”. Unicamente pelo pensamento crítico da realidade, da denúncia concreta com uma fundamentação histórica do capital e seus percalços é possível pensar tendências de modificar a sociedade.

2.1 Vida cotidiana e produção de conhecimento

Partir da vida cotidiana significa, entre outras coisas, partir do pensamento que permeia a vida cotidiana, constituído pelos processos de objetivação e que contém elementos substanciais de elaborações mais complexas, e sempre tem a práxis como critério de orientação. A relação entre o papel subjetivo e o reflexo do mundo objetivo, tem sua gênese no trabalho, aspecto essencial para a reprodução. E este fato, segundo Lukács, contém tendências a uma objetividade mais autêntica, e o princípio subjetivo - presente na seleção e distinção entre o essencial e o não tão essencial -, se baseia em interesses vitais e elementares dos homens, e se vão produzindo no processo de complexificação das experiências e de algumas fixações. Lukács, na sua *Estética*, informa a importância que tem o reflexo, uma teoria do reflexo sobre a realidade objetiva, e apoiando-se em Lênin assinala,

[...] não se trata de um reflexo simples, nem imediato nem total, senão de um processo de uma série de abstrações, formulações, construção de conceitos, leis, etc., os quais os conceitos, as leis, etc., (pensamento, ciência = ideia lógica) abarcam somente condicionada, aproximadamente à legalidade universal da natureza que se movimenta e se desenvolve em si mesma. O homem não pode compreender = refletir = configurar a natureza *inteira*, nem plenamente, nem na sua 'totalidade imediata'; o único que pode fazer é aproximar-se *eternamente*, a esse conhecimento, criando abstrações, conceitos, leis, uma imagem científica do mundo, etc [...] (LENIN, *apud* LUKÁCS, 1966, p. 12).

Assim, Lukács assevera como é necessário compreender mais de perto a realidade tal como se apresenta na vida cotidiana e seguidamente, desenvolve a relação entre as questões fisiológicas a um nível mais genérico, definindo as impressões sensíveis, isto é, as imagens dos objetos vistos na retina que são “realmente fotocópias da realidade visualmente fenomênica” para depois avançar naquilo que é fundamental: **como se comporta** a respeito à realidade objetiva **a imagem produzida na consciência**, sendo este um resultado de um processo muito complicado. Em relação à imagem Rubinstein (1965, p. 11) explica que “a atividade psíquica é uma atividade cerebral que constitui, [...] um reflexo, e um conhecimento do mundo”⁴. Desenvolvendo estas questões, o autor húngaro, vai explicar que no trabalho, mediante a atividade vital,

⁴ A própria atividade do cérebro depende dessa interação entre o homem e o mundo exterior, da relação que se estabelece entre a atividade do homem e suas condições de vida, suas necessidades. “O cérebro é

[...] suspende-se a determinação imediata da posição dos fins e da ação. No trabalho encontra-se a superação dessa imediatez. O trabalho pode satisfazer cada vez mais [melhor] as finalidades dos homens no domínio do mundo circundante precisamente porque vai além da subjetividade espontânea – que contém, sem dúvida, elementos também espontâneos da objetividade –, porque [no trabalho] **empreende-se um rodeio para a realização dos fins e se suspende a imediatez destes para investigar diretamente a realidade objetiva em si mesma**. Por isso no trabalho a distinção entre o essencial e não essencial tem já que aparecer objetivamente refletindo na consciência humana [a realidade objetiva] como objetivamente é. (LUKÁCS, 1966, p. 14). (grifos meus)

Desta forma, vemos como o “reflexo científico – objetivo, desantropomorfizador – da realidade nasce necessariamente do trabalho” (idem) ⁵. Vejamos nas próprias palavras do autor

[...] o reflexo científico da realidade tenta se liberar de todas as determinações antropológicas, tanto as derivadas da sensibilidade como as de natureza intelectual, ou seja, **esse reflexo se esforça por configurar os objetos e suas relações tal como são em si**, independentes da consciência. Diferentemente, o reflexo estético parte do mundo humano e se orienta em direção a ele. Isto não significa um subjetivismo puro e simples. Ao contrário, a objetividade dos objetos fica preservada, mas de tal modo que contenha todas suas referências típicas da vida humana: de tal modo pois, que a objetividade apareça correspondendo ao estágio da evolução humana, externa e interna, que é cada desenvolvimento social. Isto significa que toda conformação estética inclui em si e se insere *no hic et nunc* histórico de sua gênese, como momento essencial de sua objetividade decisiva. Como é natural, **cada reflexo está determinado materialmente, tematicamente pelo lugar de sua consumação**. Nem sequer no desenvolvimento de verdades matemáticas ou científicas – naturais puras é casual o momento temporal [...] (LUKÁCS, 1966, p. 25) (grifos meus)

Casagrande (2015) a partir de Engels (1976, p. 34-35) explica como as ciências surgiram das necessidades dos seres humanos, confirmando a última frase da citação

somente o *órgão* da atividade psíquica” (RUBINSTEIN, 1965, p. 15, grifo do autor) — aliás, um órgão altamente complexo —; o homem é o sujeito da atividade. É o homem que tem sentimentos, pensamentos que emergem por meio da atividade do cérebro, que entra em contato com conhecimento do mundo exterior e o modifica, é o homem, com sua ineliminável base inorgânica e orgânica, que por meio de “sentimentos e pensamentos expressa uma atitude emocional e cognoscitiva do homem frente ao mundo” (RUBINSTEIN, 1965, p. 15). Desse modo, os fenômenos psíquicos estão necessariamente vinculados à realidade objetiva e à atividade reflexa do cérebro. (CISNE, 2014, p. 136)

⁵ As diferentes alternativas inerentes ao caráter teleológico do trabalho estão caracterizadas por atos de consciência e surgem do sistema de reflexo da realidade: por isso elas são anteriores aos atos em si. A alternativa é uma categoria mediadora, por meio da qual o reflexo da realidade torna-se veículo do ato de “pôr algo” efetivamente na realidade.

anterior em relação ao reflexo estar determinado no movimento histórico das relações (não há *aprioris*) e no caso da matemática explica que

A aparente demonstração das grandezas matemáticas não prova tampouco sua origem apriorística, mas apenas sua concatenação relacional. Para se poder chegar à idéia da **forma** de um cilindro, pela rotação de um retângulo em torno a um de seus lados, foi necessário investigar-se, na realidade, apesar de ser forma bastante rudimentar, toda uma série de retângulos e cilindros. As matemáticas, assim como todas as outras ciências, surgiram das **necessidades** dos homens, da necessidade de medir terras e volumes, do cálculo do tempo e da mecânica. Mas, como acontece em todos os campos do pensamento humano, **ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as leis abstraídas do mundo real se vêm separadas desse mundo real do qual nasceram, consideradas como se fôsem alguma coisa aparte, como se fôsem leis vindas de fora e às quais o mundo se deveria ajustar**⁶. (ENGELS, 1976, p. 34-35). (grifos meus)

Esta questão torna inquietante novamente a defesa do conhecimento da gênese dos fenômenos porque como explica Engels (1976), ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as leis abstraídas do mundo real se vêm separadas desse mundo real do qual nasceram, consideradas como se fôsem alguma coisa aparte, como se fôsem leis vindas de fora e às quais o mundo se deveria ajustar. Isto é fundamental compreender, em especial, a importância de ir a gênese para entender que as leis abstraídas no processo do desenvolvimento da história são produto da atividade humana, com múltiplas mediações, e que, o fato de se apresentar como generalizações, não significa que estão separadas do mundo real onde nasceram.

Por isso é fácil compreender, historicamente, que na história da humanidade o pensamento tenha figurado tão longa e obstinadamente como uma potência independente do ser, inderivável dele, e porque suas conquistas, tão importantes para o desenvolvimento humano, **como as categorias reconhecidas e conscientizadas, parecessem pretender uma independência do ser**. Para o **pensamento abstrato-imediato**

⁶ Este processo de abstração – a partir da complexificação – será retomado novamente mais na frente porque aqui reside, segundo nossa compreensão, um dos núcleos centrais do processo de conhecimento, e também do método dialético e ontogenético, já que a escolha desta forma de apreensão do real permitem revelar o movimento daquilo que aparece como “fixo”, como uma síntese estática, e outorgam, a partir da história e gênese dos fenômenos como os sujeitos cognoscentes genéricos são parte desse movimento e os responsáveis da existência da humanidade e seu desenvolvimento.

posto sobre si mesmo não é fácil entender que o produto de sua atividade pode ser apenas a tendência de reconhecer corretamente as categorias, que essas categorias – só existentes, não reconhecidas – possuem em si uma objetividade muito determinada, concreta, que, pois, a correção das determinações categoriais consiste na reprodução mais aproximada possível do seu ser-em-si (LUKÁCS, 2011, p. 311). (grifos meus).

Talvez aqui, neste ponto, esteja a gênese da reificação e da manipulação. A história do presentismo e do pragmatismo (uma das formas de morte anunciada da história) não mostra nem lhe interessa esta questão. E sabemos que sem uma análise aprofundada do campo das mediações que revela o surgimento de determinada disciplina, fenômeno, categoria analítica, o abismo entre a base material (práxis) real e concreta onde nascem as leis e o conhecimento do mundo é cada vez maior, fixando os fenômenos em sua aparência, – aparência que é fundamental no sentido que outorga a possibilidade de conhecer, mas que não mostra o verdadeiro *em si das coisas*. A essência lhe corresponde essa tarefa, e aos sujeitos pensantes lhes corresponde desvenda-la, trazer ao cenário da vida concreta as verdadeiras formas em que se constituem os fenômenos. Daí deriva a necessidade do aprofundamento e do mergulho no campo das mediações e das contradições.

Em relação ao tema, e a modo de exemplo, o autor explica que a consciência que “reflete” essa realidade adquire um caráter de possibilidade, e neste sentido pode ser entendida por Aristóteles como *dynamis*, como potência. Compreendamos melhor isto nas palavras de Lukács;

[...] nossa formulação respondeu a esse problema ontológico dizendo que o espelhamento, precisamente em termos ontológicos, em si não é ser, mas, também não é uma “existência espectral”, simplesmente porque não é ser. E, no entanto ele é a condição decisiva para a colocação de cadeias causais, e isso em sentido ontológico e não gnosiológico (LUKÁCS, 2013, p. 69).

Este caráter de possibilidade é importante porque irrompe, de certo modo, com a ideia de um “determinismo” muitas vezes inadequadamente imputado a esta perspectiva de concepção da realidade. Mas, ainda, é fundamental destacar que no centro deste processo está a relação entre a teleologia e a causalidade, que para Lukács é um aspecto ontológico decisivo. Isto porque constitui um [...] ato pioneiro no desenvolvimento do

pensamento humano e da imagem humana do mundo equacionar o problema pondo o trabalho no centro desta disputa (LUKÁCS, 2013, p. 89). Nesta base se [...] evidencia a única relação filosoficamente correta entre teleologia e causalidade [...] (idem). E porque o trabalho – práxis social – é entendido como [...] o único complexo do ser no qual o pôr teleológico tem um papel autenticamente real e transformador da realidade [...] (idem).

Recordemos que para as leis que regem a natureza não existem fins, somente os seres humanos singulares põem finalidades em uma realidade que tem sua própria legalidade e, onde é possível mudá-la ou transformá-la. A intenção e o conhecimento se articulam impulsionados mediante uma atividade psíquica que regula a relação teoria e práxis para a concretização de uma meta (TORRIGLIA, 1999).

Agora bem, poderíamos nos perguntar o que acontece na esfera da vida cotidiana com os conhecimentos mais elaborados que ingressam nela e cuja gênese surge *dela*? Como acontecem as relações recíprocas entre ambos os conhecimentos que possibilita ampliar os limites da vida cotidiana em um novo patamar? Se os conhecimentos espontâneos se “geram” na cotidianidade, como ingressam os conhecimentos mais elaborados e impactam a vida cotidiana? Lukács escreveu a esse respeito que a investigação do pensamento cotidiano é uma das áreas menos pesquisadas até o presente. Desse modo, salienta o autor que existem muitos estudos sobre a história da ciência, filosofia, religião, mas são muito raros estudos que aprofundem as relações recíprocas.

No prólogo da *Estética*⁷ Lukács traz uma metáfora para imaginar a cotidianidade, e diz,

Si nos representamos la cotidianeidad como un gran río, puede decirse que de él se desprenden en formas superiores de recepción y reproducción de la realidad, la ciencia y el arte, se diferencian, se constituyen de acuerdo con sus finalidades específicas, alcanzan su forma pura en esa especificidad – que nace de las necesidades de la vida social – para luego, a consecuencia de sus efectos, de su influencia en la vida de los hombres, desembocar de nuevo en la corriente de la vida cotidiana. Ésta se enriquece pues constantemente con los plenos resultados del espíritu humano, los asimila a sus cotidianas necesidades prácticas y así da luego lugar, como cuestiones y como exigencias, a nuevas ramificaciones de las formas superiores de objetivación (LUKÁCS, 1966, p. 11-12).

Esta compreensão de cotidianidade nessa metáfora é central para nossos estudos, porque a imagem do rio é que ele é um *rio*⁸, e nessa corrente – inerente a sua existência –

⁷ Dezembro de 1962. Ediciones Grijalbo. Primeira Edição, 1965.

⁸ A partir desta premissa poderíamos discutir as chamadas “infâncias”, as “culturas”, as “pedagogias”, a esta nova proliferação dos plurais como se eles pudessem dar garantia de igualdade, respeito e justiça.

que flui é onde a vida acontece, a vida dos sujeitos subjetivados e objetivados em constante reprodução de suas vidas.

Entendemos que os conhecimentos surgem do solo da vida cotidiana, sendo o pensamento (conformado já por processos de incorporação de outros conhecimentos) responsável pelos contínuos processos de complexificações (objetivações) que permitem um movimento ascendente questionando o que está posto, conhecido ou pelo menos colocando esse conhecimento em outro patamar, assim, também compreendemos que essa complexidade se dá pelo contínuo retorno à vida cotidiana⁹.

Nesse sentido Lukács (2013, p. 439) escreve:

[...] até mesmo o mais renomado dos pensadores, políticos, artistas etc., vivem pessoalmente uma vida cotidiana, cujos problemas jorram incessantemente sobre ele através dos acontecimentos diários do seu dia a dia, através da cozinha, do quarto das crianças, do mercado etc., tornando-se atuais para ele e provocando decisões, inclusive do tipo espiritual, da parte dele.

Quanto mais rica e profunda é seu desprendimento, a ampliação de seus limites, mais enriquecida pode ser a vida cotidiana. Aqui se configura um dos aspectos que fundamenta a indissociabilidade da práxis, da cotidianidade e o processo de complexificação das objetivações genéricas. Lukács (1966, p. 4) explica que

[...] o fato de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas acriticamente. Ao contrário. Tais representações são repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência de ideias manifestamente falsas que, se às vezes provêm da ciência, nela penetram, sobretudo a partir das religiões, etc. [...] (estranhamentos).

Mas também ele aponta que a necessidade de crítica não autoriza descuidar do fundamento cotidiano, “o prosaico e terreno intelecto do cotidiano, alimentado pela práxis diária, pode de quando em quando constituir um saudável contrapeso aos modos

⁹ “Hartmann tem toda razão em averiguar na vida cotidiana aqueles fenômenos em que se expressa a confrontação do ser humano com a realidade, e justamente como realidade. Ele também tem razão em vislumbrar na ciência, na filosofia de orientação ontológica, o caminho que leva à apreensão cognitiva da realidade em contraposição à intenção oblíqua da teoria do conhecimento e da lógica. Desse modo, porém, simplifica-se o problema em demasia. O fato de esse ser o único caminho correto para a ontologia nem de longe significa que tomar esse rumo constitua alguma garantia de sua correção. É claro que Hartmann tampouco afirma isso diretamente, mas ele não explicita as tendências contrárias no cotidiano, que – embora seu conteúdo seja formado pela realidade em geral, embora estejam direcionadas para a realidade enquanto realidade – todavia desviam a atenção da fundamentação de uma ontologia correta, e isso não como “erros” cometidos em casos isolados, mas como tendências necessariamente operantes na vida cotidiana, que, é certo, surgem e desaparecem histórico-socialmente, mas que, entretanto, em nada altera a influência sempre atual que exercem sobre o respectivo pensamento ontológico. (LUKÁCS, 2012, p. 106).

de ver estranhados da realidade das esferas ‘superiores’” (LUKÁCS, 1966, p. 4). Este entendimento, a partir de uma ontologia do ser social, torna-se importante para compreender a ininterrupta interação **entre as teorias mais complexas e a práxis cotidiana**. Podemos dizer que toda existência humana possui uma cotidianidade – nos termos expostos – outorgando uma base relevante para recuperar no campo das ciências sociais, no educacional e conseqüentemente com a didática, a **relação necessária entre os conhecimentos cotidianos e os científicos, filosóficos, estéticos**, onde, na maioria dos casos, ao não se compreender esta relação de unicidade inalienável se dicotomiza no plano epistemológico o que ontologicamente está unido, e, portanto, **se pensa que ambos os conhecimentos tem uma gênese e processos separados**. Mas o problema é maior ainda, quando se referencia na atividade de ensino simplesmente ou apenas os conhecimentos cotidianos acreditando que assim se recupera ou se respeita aos sujeitos que aprendem. Afirmamos que partir dos conhecimentos cotidianos não implica ficar neles, já que estaríamos “determinando” uma formação para os sujeitos meramente limitada a compreensões restritas sobre o real e o que, pior ainda, essa limitação está articulada com os estranhamentos necessários aos processos de manipulação tão marcados e frequentes na sociabilidade subsumida aos dissídios do movimento do capital.

3 PALAVRAS FINAIS

A partir de uma concepção ontológica materialista *conhecer* significa levar em conta o papel do sujeito e da inteligibilidade do mundo real. Desde o início de sua existência, homens e mulheres realizam um metabolismo entre o mundo social e a natureza para satisfazer suas necessidades de vida. Implícito está, nesse metabolismo, a condição humana do conhecimento. Dessa maneira, o conhecer é um *impulso vital consciente*, parte iniludível da atividade dos seres humanos que procuram, tanto em seu mundo interior como exterior, complementos de sua existência e sua interioridade.

Como vimos essa atividade, a da produção e reprodução da vida humana, configura-se como uma categoria fundamental. Sem ela, seria impossível o processo histórico de objetivações mediante o qual os seres humanos transformam o mundo circundante e ao mesmo tempo transformam-se a si próprios. É nesse processo que homens e mulheres – considerando-se as diferenças de cada etapa e momento da história

– produzem modos, meios e relações, constroem espaços e instrumentos para suprirem suas necessidades básicas de sobrevivência.

Mas, poder-se-ia indagar: tal acepção não restringiria homens e mulheres ao empírico e ao imediato de seu entorno? Ao contrário, afirmamos, longe de prender-se ao ciclo limitado de suas necessidades empíricas, o ser humano tem a potencialidade de transcendê-las, superando o mundo circundante. Isto porque, homens e mulheres são capazes de uma prévia ideação, são capazes de antecipar o que pretendem realizar, ou seja, possuem consciência das finalidades e das possibilidades de suas atividades. Por isso mesmo, são aptos a alargar e complexificar os limites do humano ao longo da história.

No campo educacional, se apela a uma *hiper* valorização da “subjetividade”, uma subjetividade que conhece prioritariamente a partir de seus sentidos e emoções e daquilo que vê e observa na “prática”. Uma concepção de sujeito e de subjetividade recorrente no meio educacional que retirou a ideia de que as escolhas e as alternativas que os sujeitos realizam – singulares e concretas – são realizadas **não** pelo sujeito **apenas** individual, **senão pelo ser social no qual ele vive e opera**. Nesse sentido, essa dimensão ontológica foi anulada, apagada da compreensão e do conhecimento do real.

Esta concepção de conhecimento balizado na prática, centralizado em conhecimentos ou saberes tácitos, saberes pragmáticos, *doxa*, e em uma expressiva concepção de “reflexão na ação”, contradiz uma compreensão ontológica de cotidiano, que incorpora os suspensos e as saídas para assim, realizar as rupturas necessárias orientadas a possibilidade da crítica. Crítica que se elabora com a transmissão e apropriação dos conhecimentos da cultura, – pelos processos de reflexos – das diferentes visões, perspectivas sobre o que significa conhecer e da relação de reprodução e produção da vida.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, William. *Crítica da razão geométrica: uma análise do objeto da geometria*. Tese. 2016.

CISNE, Margareth Feitem. *As bases ontológicas do processo de Apropriação do conhecimento e suas possíveis implicações para a Educação Infantil*. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

COUTINHO, Nelson Carlos. **Introdução** in: *Realismo crítico hoje / Georg Lukács*. Brasília DF: Coordenada Editora de Brasília Ltda, 1969.

ENGELS, F. **Anti-Dühring**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2.ed., São Paulo: Boitempo, 2015.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LUKÁCS, Georg. A reprodução. (1981) In: *Para uma ontologia do ser social*. Tradução Sergio Lessa, de *La riproduzione*, segundo capítulo de *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*, Roma: Riunit, (1981). Maceió: Universidade Federal de Alagoas. Mimeo, 1990.

LUKÁCS, Georg. *Estética*. La peculiaridade de lo estético. Barcelona – México. Ed. Grijalbo, 1966.

MARTINS, Juliana Cruz. *Ser Jovem trabalhador: entre a conformação à reprodução metabólica do capital e sua superação*. 2015. Tese. (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

MARX, Karl. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**/*J.P. Netto, M.C. Brant de Carvalho*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 13-61.

_____. **Introdução: sobre Lukács e a política**. In: **Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

RUBISTEIN, Sérgio L. O ser e a consciência. Lisboa: Portugália Editora, 1968.

TORRIGLIA, P. L. *Reflexões sobre o trabalho e a reprodução social: primeiras aproximações em relação ao Complexo Educativo*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1999.

VAISMAN, Ester. ALVES, Antônio José Lopes. **Apresentação** In: Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica / J. Chasin. – São Paulo: Boitempo, 2009.